

TERESA D'ÁVILA, IMAGINAR, MORAR

Uma leitura comentada do livro de Mercedes Allendesalazar, *Thérèse d'Avila, l'Image au Féminin*

Teresa Joaquim

Este é um livro extremamente estimulante nas suas propostas de leitura de *Teresa d'Ávila, a imagem no feminino*. A autora (com um nome altamente conflituoso) é filósofa, tendo anteriormente realizado uma tese intitulada *Spinoza: filosofia, paixões e política*. É um livro estimulante do ponto de vista filosófico, da própria leitura do discurso místico,¹ uma leitura atravessada pela interrogação inicial do prólogo:

“porque é que os místicos nos poderiam ensinar alguma coisa sobre o facto, bastante obscuro uma vez passada a evidência sensível elementar, de se nascer homem ou mulher? Em que é que esses místicos por vezes tão etéreos, mas capazes de transmitirem pela escrita uma experiência dita indizível, teriam compreendido melhor ou vivido mais intensamente do que o comum dos mortais essas coisas, tão enigmáticas, que atingem a diferença sexual?” (p. 11).

Estimulante também a hipótese que o texto coloca da especificidade da uma experiência feminina em Teresa d'Ávila, que passa pela

maneira de ler, de rezar, de ter visões, de escrever, de imaginar, de viver (p. 17).

O livro é constituído por cinco capítulos, a saber:

1) autobiografia e ficção: onde se aprende como a alma consegue inventar a sua vida; 2) a água e a alma: onde se descobre a origem aquática da alma; 3) imagens e visões: onde se ouve despontar a noite escura; 4) uma cura infinitesimal: onde se se espanta de que a alma não cesse de nascer; 5) homens e mulheres: onde se tropeça na improvável probabilidade do encontro deles.

A razão pela qual este livro me interessa particularmente diz-se de modo quase abrupto: em Teresa d'Ávila existe uma concepção de concepção diferente da concepção aristotélica, uma concepção que, sob formas diversas se foi mantendo ao longo dos tempos, a saber que há uma forma que marca, que determina uma matéria.² Esta concepção da concepção atravessa áreas diversas, por exemplo, na arte,

1 A autora confessa a sua estranheza, a quase repulsa pelo mundo conventual de carmelitas que um dia visitou: “como esquecer a brutalidade atroz dessas grades [...], dessas grades com pontas de ferro para impedirem as visitas de se aproximarem do rosto delas [...]. Foi-me preciso, para não ficar com aversão para sempre por esses escritos místicos, conseguir marcar bem a diferença entre esse século XVI, em que as mulheres encontravam certamente nesse mundo carceral um refúgio menos violento e sombrio do que aquele em que tinham nascido [...] e estes Moradas da alma espantosas de liberdade, descobertas em Paris, sobre as quais eu escrevia em francês e que me agradavam tanto” (pp. 16-17).

na escrita: concepção que afirma que há algo de inerte, um solo, uma tela a pintar, uma página em branco sobre a qual se escreve, qualquer que seja a forma da escrita, e que nesse acto de criação, esse solo, tela, página desaparece, emudece. Esta concepção teve uma longa duração nas teorias do conhecimento, essa ideia tão conhecida de Locke da página em branco, ou em Rousseau (cf. Joaquim, 1997, cap. sobre os Tratados de educação física), permanece central na concepção dos humanos, concepção dominante definida de modo claro por Jean-Joseph Goux:

Em materialismo há mater. Nesse caso, o idealismo, que se opõe ao materialismo e o afasta, não será um materialismo? (...) Qual é a aposta sexual, ou pelo menos sexualizada, que está por dentro das lutas da história da filosofia e da história 'tout court'? (...) Só interrogando a divisão mítica dos contributos do macho e da fêmea na procriação é possível reconstruir a arqueologia do idealismo. O idealismo é antes de mais uma concepção da concepção. O homem, na procriação, traz a forma da prole, a mulher dá a matéria. É o que dizem todos os discursos míticos sobre a procriação. A mulher é um terreno, uma argila, uma matéria prima plástica. Esta deve ser informada, marcada pelo sêmen masculino. Entre os Bambaes ou em Aristóteles, trata-se sempre desta mesma divisão na concepção. Divisão entre o leite e o coelho que o faz coalhar, entre a cera e o sinete, entre o receptáculo e o que lhe dá figura. (...) Da parte do feminino não há ordem, nenhum poder de organização interna, nenhum poder de geração. (...) O que diz o idealismo? Diz que o poder consciente do pensamento é de uma ordem completamente diferente do da natureza. É uma barra sobre a mãe e sobre a matéria enquanto geradores. A matéria é morte. Ela é mater e não genetrix. Deseja uma ordem, requer um sentido que não tem, que vem de outro lado (...).³

Também em Aristóteles há um corte entre o que contém (o continente, o envelope) e o conteúdo: o lugar, segundo ele, era o "limite imóvel, imediato do envelope". Teresa d'Ávila recusava-se a

fazer do lugar das moradas um continente⁴ separado e diferente da alma conduz Teresa, pelo contrário, a uma não aceitação desse vazio, demasiado imbricado para ela com um pensamento da fixidez, da invariabilidade ou "limite imóvel, imediato do envelope" (*Física*, IV, 5. 212a) como Aristóteles chamava ao lugar,

mais adiante, a mesma autora afirma que em Teresa d'Ávila:

2 Para uma observação mais detalhada e mais 'nuancée' desta questão, ver o texto de Giulia Sissa, "Filosofias do género. Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos", no vol. I da *História das Mulheres*.

3 "Diferença sexualizada e imaginário da história", em A. Verdiglione (org.), *Sexualidade e Poder* 1978, Lisboa, Edições 70, pp. 214-215, citado em T. Joaquim, 1997.

4 "Que contém ou encerra qualquer coisa" (dic.). Não deixa de ser curioso que 'continente' signifique também "moderado, que sabe conter-se", o que é próprio da razão e, como lembrava Deleuze num curso sobre os afectos em Spinoza, "os filósofos são castos".

[...] a ideia abstracta de vazio vai ser substituída pela de volume e de côncavo, mais concreta e tátil (p. 35).

Ora, isso terá como consequência a atenção a esse vazio que não é e é porque é habitado por um hóspede. Teresa d'Ávila escrevia às suas irmãs:

no início poderá parecer uma coisa impertinente — quero dizer, fabricar esta ficção para dar a compreender — e talvez que seja benéfica, a vocês em particular, pois como nós as mulheres não temos letras nem espíritos delicados (ingenios delicados), tudo isto é necessário para que compreendamos com verdade que há algo de incomparavelmente mais precioso no interior de nós mesmas do que aquilo que vemos no exterior. É importante que não nos imaginemos vazias no interior. Quisesse o céu que as mulheres fossem as únicas a arcar com essa negligência que seria, segundo penso, impossível se estivéssemos atentas ao pensamento do que significa trazer um tal hóspede no interior (p. 41).

Para Teresa d'Ávila, segundo Allendesalazar, há um lugar *do* vazio (e não um lugar vazio) em cada uma das suas "moradas", os seus limites são sempre ultrapassados, os seus limites são sempre móveis, não são pensados como clausuras, que fecham, encerram e delimitam; ao contrário da concepção de Aristóteles atrás mencionada pela autora, em que há oposição entre o que contém e o conteúdo, entre "o lugar da matéria e da forma", em T. d'Ávila há uma "espécie de matéria produzindo formas" (p. 35), esta perspectiva podendo mudar a imagem da geração e do lugar da geração — visto como passivo (fundo sobre o qual se destaca uma forma) em Aristóteles — e aproximando-se da referida pela antropóloga M. Strathern sobre a Melanésia, a de um corpo que nunca está definitivamente completo mas sofrendo mudanças, metamorfoses que nelas próprias anunciam um outro estado que é, também ele, de incompletude e que, por isso, está aberto a outras metamorfoses, como se neles houvesse a possibilidade de morar (retomando a ideia de *morada* de T. d'Ávila), de habitar de outro modo.

Para que este habitar seja possível, há em Teresa d'Ávila a necessidade de criar ficções, porque são elas que

transformam o invisível em imagens (p. 42),

processo semelhante provavelmente ao que se passa durante a gravidez, o medo da imaginação está ligado a essa enorme capacidade de criar imagens que permitem visualizar o ser que cresce no interior do seu corpo.

O livro das *Moradas* é lido, segundo esta autora, como

a recusa dum lugar que enclausura (p. 49)

mas antes como uma abertura, como um nascimento, um outro lugar em aberto para outros lugares, para outras possibilidades de nascimento, de inovação, esta multiplicidade de imagens que permitem tantos lugares que, segundo ela,

a imagem, numa pena de mulher, torna-se tecido cujas dobras abrigam e tornam possível a vida da alma, ela também imagem-célula viva, tecida nas [dobras] que a envolvem (p. 61).

E a ficção, que transforma o invisível em imagens, durante a gravidez tece também esse tecido que envolve aquele ser e que o vai envolver, vai criando o manto que o envolverá no exterior desse ventre. O imaginário que se formula na gravidez é um modo de dar forma no interior do ventre a um ser que se projecta, que se quer projectar no exterior, antecipando assim a sua abertura para o mundo, essa saída do “claustro materno”.

Há pois na criação da alma de Teresa d'Ávila uma concepção de concepção em que há um entrelaçar de imaginário e de real: sem a ficção, não há possibilidade de criar imagens e sem estas imagens que criam um lugar, um manto, um tecido que envolve e protege, não há criação de alma (e de corpo). São elas que criam um lugar de alimento e de imaginário. Um lugar que é preciso guardar, mesmo na sua não compreensão clara, porque, tal como com os sentimentos confusos, há (ou pode haver) algo de essencial, ainda quando não é possível compreendê-los segundo as regras da razão. É este fazer no qual se tece o corpo e o imaginário, que, de certo modo, se fez sem se fazer nessa presença, ou na ausência de negligência a esse hóspede no interior, que é semelhante, em particular, ao próprio trabalho (e obra) de conceber e dar à luz uma criança. E é nesse tecer que se pode dizer que cada ser recém-nascido é portador de inovação no sentido arendtiano.

A autora faz uma comparação entre o modo como Teresa d'Ávila escreve e o de Clarice Lispector, que dizia

avançar obedecendo-me, é em verdade o que eu faço quando escrevo (233),

o que pode ser uma tentativa de se aproximar de uma “voz falada”, de inventar uma outra gramática, de “dar nascimento a outra língua”, de modo a sair das falsas alternativas entre falar a linguagem imposta, já dada, e a mudez, na sua recusa dessa linguagem imposta (como é referido, por exemplo, por M.^a Velho da Costa, sobre *Maina Mendes* — a mudez ou a loucura como ruptura com essa linguagem imposta), mas é certamente mais afirmativa esta criação de uma linguagem outra, como dizia Clarice Lispector:

a minha frase respira à maneira dela (233),⁵

e em Teresa d'Ávila há também

o prazer da escrita no acto de escrever,

5 “Ao linotipista: [...] Agora um pedido: não me corrijam. A pontuação é a respiração da frase, e a minha frase respira à maneira dela. E se me acham bizarra, respeitem isso igualmente. Mesmo eu fui obrigada a respeitar-me” (233, nota).

algo em que há mobilidade,

mesmo eu fui obrigada a respeitar-me (Lispector).

Esse trabalho é feito através de imagens, imagens que vêem o invisível de outra forma, que o olham de um modo mais táctil, mais pelo contacto, como se nestas imagens que são, nelas próprias, um fazer, reencontrássemos a *hexis háptica* de Barbara Duden em contraste com a *hexis óptica*, (Duden, 1996: 120) e nessa *hexis háptica* fazia sentido o que as mulheres diziam como uma palavra que testemunhava algo, um acontecimento sem mais: uma pomba que esvoaça, bate as asas e anuncia e passa: a visitação onde se faz a geração e também transmissão de um saber de um mundo feminino; como hoje — e como diz Duden — jamais podemos saber e dizer esse saber desse modo; talvez porque aí se dissesse uma afirmação semelhante à de Clarice Lispector sobre a escrita “avançar obedecendo-me” e “mesmo eu fui obrigada a respeitar-me” (p. 233) e há nessa obrigação ao respeito no que se avança que é um modo de acolher, receber, proteger, fazer côncavo, semelhante ao processo de Teresa d'Ávila (ao contrário de Inácio de Loyola, referido também pela autora) para “acolher as imagens”, deixar-se atravessar por elas e aí se abre um espaço de alteridade, que excede e diz o outro de outro modo,

todo o diálogo é heterologia (Collin).

Ora estas imagens diferentes em Teresa d'Ávila, a atenção a algo que ela transporta nela (como na gravidez, como uma gravidez), trata-se de “algo que ela faz existir na invisibilidade”, que no entanto muda, transforma-se e cresce no seu interior, a escrita sendo uma das formas de seguir o percurso desse crescimento que é visível na invisibilidade, à semelhança das experiências descritas por Barbara Duden: a capacidade de ver o invisível e que se dá de um modo mais plástico, na sua fluidez.

A escrita é também uma das formas de viver, de intensificar a vida e também uma forma de criar vida, nessa “heterologia”.

O que é interessante na análise da obra de Teresa d'Ávila por Mercedes Alledalazar, na proposta de uma leitura como “imagem no feminino”, é que a partir desta leitura ela sugere-nos a possibilidade de pensar uma concepção de concepção que não é idealista (Goux), em que a concepção de lugar não é pensada na oposição entre a matéria e a forma, entre o que contém (receptáculo inerte) e o que é contido. Já que na elaboração da concepção de alma de Teresa d'Ávila, na sua escrita, na criação da alma há paralelismo constante com a criação de uma criança, que se vai formando no ventre materno à semelhança da “alma ventre”.

Na experiência mística, a ausência de palavras referida por Hadewijch e também por Teresa d'Ávila tem a ver com a dificuldade de dizer estas experiências, de cortar com as oposições entre o corpo e o espírito, sensível e inteligível, elas dão a essas oposições outras configurações, tendo para isso que criar uma outra gramática, uma outra língua que não recusa e antes afirma a língua imposta abrindo a vias desconhecidas (Deleuze), já que elas (as místicas) esbarram, como num muro, na “[...] impotência do logos em exprimir a sua experiência interior” (Régnier-Bohler, 1991: 479).

Como se esta espécie de encaixes — de experienciar conter e ser contido — se pudesse pensar à semelhança das *moradas* de Teresa d'Ávila, que se vão abrindo e, nessa abertura, abrem-se de novo e, deste modo, o conhecimento transforma-se pela abertura — 'ambientes' diferentes em que, de cada vez surge uma outra constelação de imagens, e logo de perspectivas, deslocando pois o quadro sistemático do pensamento para uma outra sistematização em que o quadro se cria e se elabora na abertura, na receptividade, e aí a sua transformação. É como se a sistematização se pudesse pensar de modo plástico e flexível, sem oposições.

Teresa d'Ávila, à semelhança de outras vozes místicas, invoca também a ausência de palavras para expressar e formular (outro tipo de) experiências que ela deseja transmitir, dar vida a outras imagens (como forma de vida para poder viver). Ausência de palavras que será um ponto de partida, não para o silêncio e a mudez, mas para uma outra fala; deste modo de ausência

[...] *ela só escreve porque as palavras lhe faltam*" (p. 73, itálico meu)

e, a partir desta experiência, que

Nós não somos anjos, pelo contrário, temos um corpo. Querer fazer de nós anjos quando estamos na terra — e sobretudo até ao ponto em que eu estava — é loucura (*Livro da Vida*, XXII, 10),

e foi desta "loucura" que ela fez do seu lugar na terra, uma "morada".

Referências bibliográficas

- Allendesalazar, Mercedes (2002), *Thérèse d'Avila, l'Image au Féminin*, Seuil, L'ordre Philosophique.
- Duden, B. (1996), *L'Invention du Fœtus. Le Corps Féminin Comme Lieu Public*, trad. J. Étoré, Descartes & Cie.
- Joaquim, Teresa (1993), *Dar à luz, Ensaio sobre as Práticas e Crenças da Gravidez, Parto e Pós-Parto em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Joaquim, Teresa (1997), *Menina e Moça, Construção Social da Feminilidade*, Lisboa, Fim de Século.
- Régner-Bohler, Danielle (1991), "Voix littéraires, voix mystiques", in Klapisch-Zuber (org.), *Histoire des Femmes en Occident*, vol 2, (le Moyen Age), Paris, Plon, pp. 443-500.
- Sissa, G., "Filosofias do género. Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos", no vol. I da *História das Mulheres*.
- Strathern, M. (1997), "Entre uma melanesianista e uma feminista", *Cadernos Pagu*, n.º 8/9, *Gênero, Narrativas, Memória*, pp. 7-50.

Teresa Joaquim é Professora da Universidade Aberta. Coordenadora do Mestrado em Estudos Sobre Mulheres. Membro do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI). Membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida. Publicou, entre várias outras obras, *Menina e Moça: A Construção Social da Feminilidade: Séculos XVII-XIX*, Lisboa, Fim de Século, 1997.